

Coluna do Castello

Improvável a inversão de pauta

O presidente José Sarney dificilmente obterá da Assembleia Nacional Constituinte a inversão da pauta da votação, que hoje se inicia no plenário. Induzido a procurá-lo pela euforia dos amigos com as 317 assinaturas da emenda pelo mandato de cinco anos, o chefe do governo deixou-se embalar pela perspectiva de ter já uma decisão sobre assunto que considera fundamental para aliviar a pauta política e liberar o governo para, sob sistema e mandato certos, remover os obstáculos à governabilidade oriundos das perplexidades e indefinições que dominam o panorama nacional.



A euforia parece descabida, pois o *Centrão* do qual emergiram basicamente as 317 assinaturas não tem compromisso sequer com o sistema de governo e com a duração do mandato, muito menos com a antecipação da sua votação. O presidente, além do equívoco a que terá sido levado, ainda deverá suportar a impertinência do deputado José Lourenço, que propõe assinaturas suficientes para a antecipação desde que haja pagamento, e pagamento antecipado, dos votos que se produziram no plenário. Ele quer o segundo, o terceiro e o quarto escalões numa voracidade que estigmatiza seu partido nessa política de clientelismo a que tem sido compelido o chefe do governo.

O *Centrão*, em princípio, não se aglutinou para definir sistema de governo e duração de mandato, mas para se opor ao projeto da Comissão de Sistematização no que este representa de ameaça às estruturas conservadoras ou anti-socializantes dos seus membros. Ele fez-se para impedir a estabilidade no trabalho, ou reduzir sua extensão, o pagamento em dobro da hora extra, para controlar a reforma agrária, submetendo-a a princípios que considera compatíveis com o sistema de produção rural dominante no país. Ele quer aberturas para a empresa estrangeira, equiparando-a no essencial à empresa nacional, e para impedir que se estenda à distribuição o monopólio estatal do petróleo. Para isso e para coisas semelhantes é que flutuou na massa amorfa da maioria dos constituintes, postos à margem pelo sectarismo da liderança, esse grupo que tem coordenadores mas não tem líderes, que tem membros mas aparentemente não tem cabeça.

Ou por outra, a cabeça do *Centrão* existe mas está dispersa por centenas de cabeças ou oculta por eclipse política e técnica. Por isso mesmo, difícil será motivá-la para objetivos outros, como o pretendido pelo presidente, inspirado pelos ministros mais confiantes no poder de aliciamento do governo e no poder de conversão ou de convencimento dos instrumentos manipulados pelo Estado. O provável é que o sr Ulysses Guimarães mantenha a previsão regimental, votando os capítulos, um a um, a partir do preâmbulo, que se espera será substituído para livrar a nação do ridículo do texto inscrito no projeto da Sistematização. O governo deverá continuar seu trabalho na expectativa de que não haja deserções entre os signatários da emenda dos cinco anos. Esse trabalho estará a cargo principalmente da nova equipe econômica, incumbida de evitar a explosão inflacionária e de impedir deteriorações maiores dos ganhos de salário.

O *Centrão* teme ainda, e justamente, que, com a eliminação da pauta das questões políticas, que são as que motivam grande parte dos constituintes, desapareça o número para votar o que interessa aos seus criadores. O governo se desobrigaria da mobilização, deixando-a a cargo dos srs Daso Coimbra e Roberto Cardoso Alves. Embora a composição atual do ministério, sobretudo na gestão econômico-financeira, reforce a vocação conservadora do atual governo, o mais provável é que, atendido nas suas pretensões políticas, ele deixe o resto por conta dos que se mobilizam em função das suas próprias idéias e dos seus próprios interesses.

O sr Roberto Cardoso Alves continua a advertir o sr Ulysses Guimarães que não conte com reuniões nos sábados e domingos. O hábito parlamentar, longo, indica que as votações continuarão a se realizar na melhor das hipóteses entre a tarde da terça-feira e o ocaso da quinta-feira. Não tendo a obstinação ideológica da esquerda, os homens do centro e da direita têm outras prioridades na sua pauta, a não ser que riscos muito concretos se ofereçam à efetivação dos seus propósitos na elaboração constitucional. Por isso mesmo, eles tentarão negar número para votações, a não ser nos períodos estritos em que todos podem vir.

Pouco importa que isso leve semanas ou meses. O presidente José Sarney está tentando fugir a essa prolongada indefinição, que considera prejudicial não só ao seu governo como ao país, e por entender que, aliviada a pauta das teses políticas, haja fluxo mais fácil para os outros temas. O deputado Roberto Cardoso Alves, nas suas meditações de hospital, chegou a outras conclusões, e tudo indica que estas deverão prevalecer sobre seu desejo de servir ao presidente da República, com cuja ansiedade parece naturalmente solidário. Há também a considerar o risco inerente à própria antecipação. Ao contrário do otimismo palaciano, votar antes da hora pode ser o tiro pela culatra.

Carlos Castello Branco